

A AUDIODESCRIÇÃO QUEBRANDO BARREIRAS PARA A ACESSIBILIDADE DE PESSOAS AUTISTAS

AUDIO DESCRIPTION BREAKING BARRIERS TO ACCESSIBILITY FOR AUTISTIC PEOPLE

Felipe Vieira Monteiro¹
Catia Crivelente Walter²

RESUMO:

As tecnologias estão cada vez mais inseridas no dia a dia das pessoas, principalmente pelo seu poder de personalização, a exemplo das tecnologias assistivas que contribuem para a autonomia e a independência dos usuários, inclusive daqueles que possuem algum tipo de deficiência, sobretudo as pessoas autistas. A audiodescrição é um tipo de tecnologia assistiva, e como recurso de acessibilidade comunicacional e informacional pode contribuir para o processo de aprendizagem. Assim, o objetivo é analisar pesquisas acadêmicas com relatos sobre a experiência da utilização do recurso em atividades voltadas a essas pessoas. Para isso, os objetivos específicos são mapear as pesquisas acadêmicas já publicadas em duas plataformas, fazer o cruzamento de descritores é necessário dizer quais.

e buscar experiências nas pesquisas acadêmicas mais relevantes que se aproximam da temática. A metodologia é qualitativa do tipo revisão bibliográfica. Após analisar os dados produzidos, percebeu-se que, em 59 estudos, nenhum deles fez uma relação direta entre a audiodescrição e as atividades voltadas para as pessoas autistas. Devido a escassez de estudos sobre esta questão, esta comunicação visa mostrar como a audiodescrição tem grande potencial para contribuir para o processo de aprendizagem dessas pessoas, incentivando que novas investigações sejam feitas, buscando verificar essa possibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial; Autismo; Tecnologia assistiva.

ABSTRACT:

Technologies are increasingly inserted in people's daily lives, mainly due to their personalization power, such as assistive technologies that contribute to the autonomy and independence of users, including those who have some type of disability, especially autistic people. Audio description, as an assistive technology and communicational and informational accessibility resource, can contribute to the learning process. Thus, the objective is to analyze research about reports on the experience of using the resource in activities aimed at these people. For this, the specific objectives are to map the research already published on two platforms, cross descriptors and seek experiences in the most relevant research that are close to the thematic. The methodology is qualitative of the literature review type. After analyzing the data produced, it was noticed that, in 59 studies, none of them made a direct relationship between audio description and activities aimed at autistic people. It was concluded that audio description has great potential to contribute to the learning process of these people, but it is strongly recommended that research be carried out to verify this possibility.

KEYWORDS: Special education; Autism; Assistive technology.

¹ Doutorando do programa de pós-graduação em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Professora Associada do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada, do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1 INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, a sociedade vem se desenvolvendo nos mais diferentes pilares: social, profissional, comercial, educacional, entre outros. Por conta disso, cada vez mais, tecnologias vêm sendo desenvolvidas para trazer conforto, comodidade, prazer, segurança, informação, acessibilidade etc. E, dia após dia, os produtos tecnológicos estão ficando mais personalizáveis, atendendo às especificidades dos cidadãos.

No tocante ao desenvolvimento tecnológico, estão inseridas as tecnologias assistivas se destacam como suporte para as mais diferentes situações da vida diária como, por exemplo, para alimentação, vestimenta, locomoção, comunicação, educação, entre outras, declara Bastos *et al.* (2023). Reforçando esse pensamento, a Lei nº 13.146 (BRASIL, 2015), conhecida como Lei Brasileira de Inclusão/Estatuto da Pessoa com Deficiência, de 06 de julho de 2015, explicita, em seus incisos III e IV, do Art. 3º, que se considera:

III – tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

IV – barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros (BRASIL, 2015).

Diante do exposto, torna-se evidente que as tecnologias assistivas estão disponíveis para colaborar com o processo de inclusão, autonomia e independência de todas as pessoas, principalmente daquelas que possuem algum tipo de deficiência. Nesse aspecto global das deficiências, estão incluídas as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que é o recorte para justificar essa pesquisa.

A metodologia empregada nesta pesquisa será a revisão bibliográfica de natureza qualitativa. Essa abordagem permitirá a definição do recorte temporal para o levantamento de dados, a seleção das plataformas de busca, a escolha dos descritores e a realização dos cruzamentos necessários. Na sequência, a análise dos dados coletados será desenvolvida, com a explicitação dos critérios de inclusão e exclusão das pesquisas e a apresentação de um panorama das pesquisas mais relevantes.

Na seção final, as considerações finais abordarão a resposta à questão de pesquisa, avaliando o alcance dos objetivos propostos e identificando os estágios que foram ou não

conquistados. Por fim, as referências bibliográficas utilizadas como base teórica para a pesquisa serão devidamente apresentadas.

Este estudo busca entender como a audiodescrição pode contribuir para o fortalecimento da inclusão, principalmente de pessoas autistas. O objetivo geral é focar pesquisas que tratam da utilização da audiodescrição como recurso pedagógico para as pessoas autistas. Para alcançar esse objetivo, o procedimento tem as seguintes etapas: mapeamento da quantidade de trabalhos em duas plataformas: Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir do cruzamento dos descritores: “audiodescrição”, “autismo” e “recurso pedagógico”. Além de buscar informações nas pesquisas mais relevantes sobre as experiências com a inserção do recurso de acessibilidade nas atividades para as pessoas com TEA.

Além desta seção introdutória, esta pesquisa contará com uma seção sobre as pessoas com TEA, apresentando alguns perfis mais recorrentes, e com uma explanação sobre algumas especificidades do contexto educacional. Na seção seguinte, a audiodescrição será abordada como recurso de acessibilidade comunicacional e informacional. Haverá informações sobre o recurso, a quem se destina, como a equipe se articula para a produção dos roteiros, como é a dinâmica de trabalho com a audiodescrição no contexto educacional, as modalidades existentes da audiodescrição, incluindo as formas de reprodução da tecnologia assistiva.

2 A PESSOA AUTISTA E SUA INSERÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Cada vez mais, diagnósticos, indicando autismo, têm sido fechados e, naturalmente, essa população tem aumentado no contexto educacional. Dessa maneira, os profissionais, envolvidos nessa área, têm que estar atentos às especificidades dessa comunidade para atendê-la da melhor maneira em equidade com os demais.

No que tange às características da pessoa com autismo, a Lei nº 12.764 (BRASIL, 2012) define, nos incisos I e II, do Art. 1º, que:

- I – deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;
- II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

Corroborando com essa declaração, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014) define o TEA como um distúrbio do neurodesenvolvimento, com características de déficits na comunicação e na interação social e pela presença de comportamentos, interesses ou atividades restritas e repetitivas, desde o início da infância. Conforme Dietz *et al.* (2020) e Lord *et al.* (2020), o TEA pode atingir mais de 160 milhões de pessoas no planeta, mesmo sem dados precisos em países de média e baixa renda.

Dessa maneira, Casanova *et al.* (2021) afirmam que esses indivíduos apresentam inabilidades persistentes na comunicação e na interação social, além de disfunções sensoriais. Realidade que se acentua na idade escolar quando conceitos socialmente construídos são necessários, por intermédio da interação com os demais. Vale ressaltar que o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta desafios para o educador nas suas atividades diárias. Assim, tornam-se necessárias estratégias e propostas de currículo que construam processos de ensino e aprendizagem com o intuito de atender à diversidade apresentada pelos estudantes da educação especial, inclusive a das pessoas autistas (GLAT; PLETSCH, 2013).

Considerando esses desafios, Silva e Silva (2020) asseguram que a cultura é a responsável por boa parte da formação do ser humano, isto é, tudo o que somos e a maneira como agimos e pensamos recebem a interferência do contexto em que estamos inseridos na sociedade. Reforçam que as práticas culturais têm direta influência na nossa interação com a sociedade como cidadãos.

Posto isto, como as atividades de educação estão inseridas nesse contexto cultural, torna-se fundamental promover a equidade de acesso aos conteúdos disponibilizados para a absorção do universo didático. Gomes e Nunes (2014) ressaltam que estudos nacionais e internacionais mostram que o corpo docente ainda está despreparado para lidar com autistas em salas regulares.

Sendo assim, vale lançar mão de tecnologias assistivas que contribuam para o processo de inclusão. No âmbito dessas possibilidades, a audiodescrição se destaca como um recurso com grande potencial.

3 A AUDIODESCRIÇÃO COMO PROPOSTA DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL PARA MATERIAIS DIDÁTICOS

Uma das grandes barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam, nos mais diversos ambientes, é a comunicacional. Muitas vezes, por conta de ruídos nessa comunicação, a compreensão do conteúdo, independentemente do que está sendo apresentado, fica comprometida e, inevitavelmente, contribui para o processo de segregação e o afastamento da perspectiva inclusiva, sobretudo no ambiente escolar. Tal ambiente oferece inúmeros formatos de materiais didáticos que apoiam o conteúdo imagético, como livros, mapas, cartazes, artigos, tabelas, gráficos, fluxogramas, charges, cartuns, entre outros.

Nesse sentido da utilização de materiais com imagens diversas, muitas vezes, alguns indivíduos como, por exemplo, as pessoas com deficiência visual (cega, com baixa visão, monocular e surdo-cega) não têm acesso, perdendo, significativamente, informações. Dessa forma, nota-se a importância das tecnologias assistivas para minimizar esse distanciamento comunicacional. Em relação aos recursos de acessibilidade comunicacional, Monteiro e Fernandes (2022) citam videolibras (intérprete/tradutor de Libras em vídeo), Braille (sistema de escrita e leitura através de pontos em alto relevo), pictogramas (imagens sem apoio visual), além da audiodescrição.

No âmbito da audiodescrição, o recurso de acessibilidade comunicacional e informacional possibilita a conversão de informações do signo visual para o signo verbal. Assim, todas as informações imagéticas podem ser convertidas em texto, de acordo com Monteiro e Fernandes (2020). Desse modo, a audiodescrição se apresenta como uma modalidade de tradução intersemiótica.

Portanto, em primeiro lugar, é fundamental compreender o processo de criação do recurso no âmbito profissional. Em seguida, apresentar a dinâmica dentro do contexto educacional.

Todos os profissionais envolvidos nesse processo de elaboração da audiodescrição devem ter formação na área com os mais diversos formadores que apresentem diferentes abordagens pedagógicas, e boa circulação em equipamentos culturais, tais como museus, galerias, salas de concerto, teatro, cinemas, entre outros (MONTEIRO; FERNANDES, 2021). Também é necessário que os produtores da audiodescrição tenham sensibilidade nas mais diversas linguagens como teatro, dança, cinema, entre outras.

Por fim, os envolvidos precisam ter um bom vocabulário, isto é, domínio da língua para uma boa performance na elaboração dos textos. Os atores essenciais dessa cadeia de produção

são o roteirista, o consultor e o narrador. O roteirista elencará as informações primordiais da imagem e montará um roteiro parcial. Esse texto audiodescritivo será enviado para o consultor que, necessariamente, deve ser uma pessoa com deficiência visual, pois são os usuários que mais consomem o recurso e têm condições de revisar, e validar o produto audiodescrito. Por fim, o narrador é o profissional que dará voz para a audiodescrição quando esta for oferecida em formato de áudio.

No que tange aos formatos que a audiodescrição pode apresentar, o áudio é o principal deles e foi o primeiro a ser pensado quando o recurso foi criado em meados da década de 1970, nos Estados Unidos. No entanto, a audiodescrição pode ser oferecida de outras formas como, por exemplo, em Braille, em texto digital (dentro e fora do ambiente *web*) e até em tinta, nos materiais impressos com alto contraste e em fonte ampliada, que podem ser encontrados em bibliotecas de instituições especializadas, principalmente para pessoas com deficiência visual.

Outro ponto que se apresenta com grande relevância, nesse universo da audiodescrição, é os usuários que são beneficiados. Como já foi dito, às pessoas com deficiência visual são as que mais consomem. Todavia, outros públicos também podem se beneficiar, como as pessoas com deficiência intelectual, síndrome de Down, TEA, dislexia, déficit de atenção, com baixo letramento e idosos (MONTEIRO; FERNANDES, 2020).

Como o recorte desta pesquisa são as pessoas autistas, Silveira *et al.* (2013) afirmam que é necessário atender às especificidades das demandas sem desconsiderar a importância das diretrizes do recurso. Na mesma direção desse pensamento, Rancièrè (2012) aponta que a consultoria continuada, no processo de elaboração da audiodescrição, proporciona ao usuário uma relação de significados próprios com as informações imagéticas, tornando-os emancipados. Dessa forma, esses autores reforçam a importância da participação da pessoa com deficiência como protagonista no processo de consultoria.

No que diz respeito à participação ativa do usuário da audiodescrição, torna-se necessária a explanação sobre a dinâmica de elaboração do recurso de acessibilidade no contexto educacional. Segundo Monteiro (2022), o professor deve preparar a sua aula e, no momento do planejamento, elaborar os roteiros de audiodescrição do material que será utilizado em sala de aula. Podem ser imagens estáticas, dinâmicas, táteis e até em momentos ao vivo como as aulas, encontros, congressos, aulas, passeios, eventos culturais etc. Na utilização do material didático acessível, o usuário, ou seja, o estudante ou algum professor da instituição, dará o retorno sobre a qualidade do produto acessibilizado.

Ainda referente à audiodescrição dentro da escola, Monteiro (2022) declara que, por conta da realidade dura de trabalho no ambiente escolar, dificilmente há uma equipe específica para a elaboração de materiais acessíveis. Dessa forma, o autor (MONTEIRO, 2022) ressalta que professores e alunos devem estar envolvidos nesse processo. Conclui afirmando que o corpo docente não precisa, necessariamente, ser profissional da audiodescrição, mas defende a profissionalização para, cada vez mais, oferecer um produto de qualidade aos discentes usuários. Assim, a audiodescrição se apresentará como um recurso pedagógico.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa teórica é qualitativa do tipo revisão bibliográfica e se fundamenta na pesquisa e nas quatro das seis etapas fundamentais descritas por Mendes *et al.* (2008): 1) identificação do tema e seleção da questão norteadora da pesquisa; 2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos e busca na literatura; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados e 4) categorização dos estudos.

Como esta pesquisa pretende analisar a relevância da utilização da audiodescrição em atividades destinadas às pessoas autistas, foi realizado um levantamento de estudos sobre essa temática em dois bancos de dados: Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Tais repositórios foram escolhidos pela sua popularidade, relevância e gratuidade para acesso no contexto acadêmico.

Abaixo, consta a tabela que apresenta os resultados encontrados.

Tabela 1: Estudos sobre os descritores

Plataformas	Autismo	Autista	Audiodescrição	Autismo, audiodescrição e recurso pedagógico
Google Acadêmico	58.200	42.300	5.210	59
CAPES	1.892	1.445	136	00

Fonte: O autor, 2023.

A busca foi executada no mês de junho de 2023 e, *a priori*, utilizou o descritor “autismo”. Na sequência, o descritor foi “autista” e depois “audiodescrição”. Os descritores “autismo” e “autista” foram utilizados nas diferentes formas que se encontram nas pesquisas acadêmicas. Como o descritor “autismo” teve uma maior quantidade de resultados, 58.200 na plataforma Google e 1.892 na CAPES, optou-se por utilizar o mesmo no cruzamento dos descritores. Vale ressaltar que o descritor “autista” apresentou, na plataforma CAPES, 1.445 resultados, enquanto na plataforma Google foram 42.300.

Na sequência, o descritor utilizado foi “audiodescrição”, apontando 5.210 resultados na plataforma Google e 136 na CAPES. Por fim, utilizou-se o cruzamento de “audiodescrição”, “autismo” e “recurso pedagógico”, com o operador booleano AND. Esse último descritor foi inserido, tendo em vista o interesse nas atividades, em sala de aula, que utilizam a audiodescrição como recurso pedagógico. Na plataforma Google, retornaram 59 resultados. Enquanto na CAPES, nenhum trabalho foi encontrado.

Em relação à grande diferença de resultados entre as plataformas, vale ressaltar que o foco da CAPES são trabalhos completos como teses e dissertações. Enquanto na Google, são diferentes formatos de pesquisa.

O período definido para essa busca foi de vinte anos, de 2003 até os dias atuais, ano de 2023. A escolha foi baseada na data de chegada da audiodescrição, no Brasil, de forma profissional, no ano de 2003, com a implementação do Festival Assim Vivemos (ASSIM VIVEMOS ONLINE, 2021). Segundo o *site* do evento (2021), o festival apresenta uma coletânea de debates e filmes que podem transformar a vida dos espectadores por meio de histórias das pessoas com deficiência; e possui recursos de acessibilidade, tais como Libras e audiodescrição. Esse evento ocorre a cada dois anos nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Como 59 resultados foram apresentados pela plataforma Google no cruzamento dos descritores “autismo”, “audiodescrição” e “recurso pedagógico”, em um período de 20 anos, foram escolhidos, pelo autor desta pesquisa, um de cada ano para se analisar o desenvolvimento da utilização da tecnologia assistiva em atividades pedagógicas.

O fator de inclusão, para a leitura completa dos trabalhos, é a inserção da audiodescrição nas atividades. No que se refere aos fatores de exclusão, é o termo “deficiência visual” no título, pois já demonstra que o foco da pesquisa é a utilização com esse público e também a simples citação das benesses da audiodescrição para o público de pessoas autistas, sem o relato das atividades pedagógicas desenvolvidas. Desse modo, algumas pesquisas terão seus trechos destacados aqui para a análise do panorama da utilização da audiodescrição em atividades pedagógicas.

Na dissertação de Duarte (2016), *Outras formas de olhar: construção de imagens a partir da apreciação de filmes com audiodescrição*, relata-se sobre a aplicabilidade da

audiodescrição para os mais diversos tipos de públicos, entre eles, as pessoas com autismo. Ainda sobre a audiodescrição, a autora relata que o recurso de acessibilidade não deve ser um estímulo externo e, sim, bem integrado às imagens do filme. Também afirma que o cinema, como produto audiovisual e recurso pedagógico no ambiente escolar, estimula o estudante a pensar criticamente através de exercícios de discussão das composições estéticas do filme.

O estudo de Silva (2019), *A audiodescrição na formação de professores: um exercício de prática docente com imagens acessíveis*, relata como o termo Transtorno do Espectro do Autismo foi se constituindo. No ponto de vista da audiodescrição, a autora cita o recurso como possibilidade de se utilizar em atividades didáticas para subsidiar o trabalho dos professores; e reforça a importância da formação para o conhecimento do recurso. Também cita que a audiodescrição, no contexto educacional, pode ser utilizada como recurso pedagógico, pois é mais uma possibilidade de suporte para o processo de aprendizado dos estudantes, especialmente daqueles que têm deficiência visual.

A pesquisa de Della Líbera e Jurberg (2021), *O que os olhos não veem, os vídeos contam*, faz referência às pessoas com autismo como beneficiárias da audiodescrição. Na perspectiva do recurso pedagógico, as autoras apontam os vídeos que são muito utilizados em sala de aula; e afirmam que a audiodescrição contribui, significativamente, para a fruição desse produto, colocando o público de pessoas com deficiência visual em pé de igualdade com os demais.

Monteiro (2022), em sua dissertação, *Audiodescrição como recurso pedagógico para o desenvolvimento da musicalização inclusiva em ambientes formais e informais de ensino*, aborda sobre as pessoas com TEA, no contexto da legislação brasileira, quando aponta a conquista da Lei nº 12.764, Berenice Piana, de 27 de dezembro de 2012. Ainda assegura que a audiodescrição, além de ser benéfica para as pessoas com deficiência visual, pode atender às pessoas com TEA, síndrome de Down, déficit de atenção, além das pessoas com baixo letramento. E sobre o recurso pedagógico, o autor explica que a audiodescrição pode ser utilizada em atividades de sala de aula e dá exemplos de como desenvolvê-las para o público de pessoas com deficiência visual.

No Trabalho de Conclusão de Curso de Silva (2023), *Análise da utilização de vídeos de música com comunicação suplementar alternativa na educação infantil*, a autora descreve o *frame* de um vídeo sobre o “coelhinho da Páscoa” que marca o dia de conscientização mundial sobre o autismo. No que concerne à audiodescrição, a autora traz uma breve explicação sobre o recurso e sinaliza haver a tecnologia assistiva inserida em um dos vídeos da pesquisa.

Referente ao recurso pedagógico, é apontado o vídeo como possibilidade de enriquecimento da prática educativa, auxiliando no desenvolvimento da linguagem, criatividade e da imaginação das crianças.

Os estudos supracitados foram trazidos para enriquecer a discussão sobre a aplicabilidade da audiodescrição como recurso pedagógico em atividades para pessoas autistas. No entanto, nenhum dos trabalhos que foram lidos na íntegra mostraram a relação direta do recurso de acessibilidade com as atividades pedagógicas voltadas para o público esperado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminhar da história da sociedade, as tecnologias vão surgindo e integrando-se à vida das pessoas nas mais diversas situações: nas compras, nas viagens, no trabalho, nas relações sociais, na educação, entre outras. Nessa visão da evolução, as tecnologias assistivas, progressivamente, têm atendido às especificidades dos usuários, principalmente daqueles que possuem algum tipo de deficiência, inclusive as pessoas com TEA.

No que se refere às pessoas com TEA, cada vez mais diagnósticos têm sido fechados em relação a essa condição, fazendo com que, gradativamente, as escolas recebam estudantes com esse perfil. Por conta disso, os profissionais e corpo docente, envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem, precisam se adequar à diversidade.

Tendo em vista essas diferentes maneiras de aquisição e desenvolvimento, os professores lançam mão de tecnologias assistivas no intuito de fomentar a inclusão. Um exemplo dessas tecnologias é a audiodescrição que se apresenta como recurso de acessibilidade comunicacional e informacional, inserida no escopo da tradução.

Como a audiodescrição permite a conversão do signo visual para o verbal, é conhecida como uma modalidade de tradução intersemiótica. Sabe-se, a partir das pesquisas acadêmicas e testes com usuários, que o público prioritário desse recurso é o de pessoas com deficiência visual. Todavia, alguns desses estudos apontam a possibilidade de benefício para as pessoas autistas.

No tocante ao mapeamento dos perfis de usuários da audiodescrição, este estudo teve como objetivo analisar as pesquisas acadêmicas que apontam a utilização da audiodescrição, de forma direta, em atividades didáticas para pessoas autistas. Para isso, foi feito um levantamento, em duas plataformas, Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; e um cruzamento dos descritores “autismo”, “audiodescrição” e “recurso pedagógico”,

em um período de 20 anos, a começar por 2003, ano da chegada profissional da audiodescrição no Brasil.

Como resultado, foram identificadas 59 pesquisas. Dentre elas, 20 foram lidas, uma de cada ano, na íntegra, e retirados alguns trechos que representassem o seu conteúdo. Nenhuma delas apresentou relação direta com a audiodescrição em atividades voltadas às pessoas autistas.

Conclui-se que a audiodescrição pode ser uma potência nesse processo de aprendizagem. Todavia, sugere-se, fortemente, que pesquisas sejam feitas sobre essa temática, com o intuito de entender a real relevância do recurso nesse contexto.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

ASSIM VIVEMOS ONLINE. **Sobre o Festival**. 2021. Disponível em: <https://assimvivemos.com.br/2021/online/sobre-o-festival/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BASTOS, Paula Alessandra Lima Santos; SILVA, Marcelo Santana; RIBEIRO, Núbia Moura; MOTA, Renata de Sousa; GALVÃO FILHO, Teófilo. Tecnologia assistiva e políticas públicas no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, vol. 31, p. 01-17, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO260434011>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRASIL. Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Portal da Legislação**, Brasília, DF, dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Portal da Legislação**, Brasília, DF, jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 25 ago. 2023.

CASANOVA, Suzana Assunção; FRANCO, Karine Serpa; ABRAHÃO, Giselli Cristini Domiciano; LIONE, Viviane de Oliveira Freitas; CAVALCANTE, Diana Negrão; GOMES, Suzete Araújo Oliveira. Material didático adaptado para o ensino de Higiene e Saúde: Jogo da Memória Saudável para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, vol. 10, n. 8, p. 01-21, dez. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17318>. Acesso em: 25 ago. 2023.

DELLA LÍBERA, Bianca; JURBERG, Claudia. O que os olhos não veem, os vídeos contam. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, Aracaju, vol. 9, n. 1, p. 38-54, 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/download/9404/4417>. Acesso em: 25 ago. 2023.

DIETZ, Patricia M.; ROSE, Charles E.; MCARTHUR, Dedria; MAENNER, Matthew. National and State Estimates of Adults with Autism Spectrum Disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [s.l.], vol. 50, n. 6, p. 01-09, maio 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-020-04494-4>. Acesso em: 25 ago. 2023.

DUARTE, Fabiane Urquhart. **Outras formas de olhar: construção de imagens a partir da apreciação de filmes com audiodescrição**. Orientadora: Andreia Machado Oliveira. UFSM, 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias Educacionais em Rede) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12306/DIS_PPGTER_2016_DUARTE_FABIANE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 25 ago. 2023.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise (Orgs.). **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GOMES, Rosana Carvalho; NUNES, Débora R. P. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 40, n. 01, p. 143-161, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v40n01/v40n01a10.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LORD, Catherine; BRUGHA, Traolach S.; CHARMAN, Tony; CUSACK, James; DUMAS, Guillaume; FRAZIER, Thomas; JONES, Emily J. H.; JONES, Rebecca M.; PICKLES, Andrew; STATE, Matthew W.; TAYLOR, Julie Lounds; VEENSTRA-VANDERWEELE, Jeremy. Autisms pectrum disorder. **Nature Reviews Disease Primers**, [s.l.], vol. 6, n. 5, jan. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41572-019-0138-4>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, Florianópolis, vol. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MONTEIRO, Felipe Vieira. **Audiodescrição como recurso pedagógico para o desenvolvimento da musicalização inclusiva em ambientes formais e informais de ensino**. Orientadora: Edicléa Mascarenhas Fernandes. UERJ, 2022. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br:8443/bitstream/1/18070/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Felipe%20Vieira%20Monteiro%20-%202022%20-%20completa.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

MONTEIRO, Felipe Vieira; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. A consultoria para um livro em multiformato no contexto educacional. **RevistAleph**, Niterói, n. 34, p. 332-346, jul.

2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/42172/25230>. Acesso em: 25 ago. 2023.

_____. A educação inclusiva como periférica para a pessoa com deficiência visual. **Periferia**, Duque de Caxias, vol. 14, n. 1, p. 69-87, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/viewFile/60167/42082>. Acesso em: 25 ago. 2023.

_____. Eventos sobre acessibilidade são acessíveis?. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, vol. 7, n. 2, p. 12913-12925, fev. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/download/24257/19403>. Acesso em: 25 ago. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SILVA, Érika Meriele Corrêa. **Análise da utilização de vídeos de música com comunicação suplementar alternativa na educação infantil**. Orientadora: Munique Massaro. UFPB, 2023. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/27163/1/EMCS15062023.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, Katyuscia Maria da. **A audiodescrição na formação de professores: um exercício de prática docente com imagens acessíveis**. Orientador: Jefferson Fernandes Alves. UFRN, 2019. 304 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29176/1/Audiodescricaoformacaoprofessores_Silva_2019.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, Kerllon Lucas Gomes; SILVA, Dagmar de Mello e. Nada sobre nós, sem nós: o protagonismo da pessoa cega no processo de elaboração de roteiros de audiodescrição. **Revista Conexão, Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, vol. 19, n. 38, p. 78-95, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/9277>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVEIRA, Deise Mônica Medina; FRANCO, Eliana Paes Cardoso; CARNEIRO, Barbara Cristina dos Santos; URPIA, Adriana. Audiodescrição para além da visão: um estudo piloto com alunos da APAE. In: ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ADERALDO, Marisa Ferreira (Orgs.). **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 201-212.